Capítulo XXIII — Imitadores do bom Ladrão no Oriente e no Ocidente (continuação)

> **Sumário.** O Mandrin da Trácia. — Seus atos de banditismo. — Vãos esforços para detê-lo. Conduta admirável do imperador Maurício. — O bandoleiro convertido. — Sua doença. — Sua penitência. Sua morte. — Seu julgamento. — Relato do médico. — O jovem ladrão de Cluny. — Audacioso bandoleiro. — Seu encontro com santo Odão. — Sua conversão. Sua santidade. Heroísmo de sua penitência. — Sua preciosa morte.

Voltemos às montanhas e vejamos a misericórdia continuando a operar as suas súbitas maravilhas entre os clientes privilegiados do bom Ladrão. Santo Anastásio do monte Sinai, depois de ter referido a conversão do ladrão de são João, exprime-se assim:

> *Esse fato é tanto mais digno de crédito quanto não é único. Vimo-lo produzir-se no Calvário, onde, de um insigne ladrão, uma só palavra de fé fez um grande santo. Reencontramo-lo depois num grande número de horríveis pecadores e, em particular, no famoso bandoleiro que viveu em nosso tempo, sob o reinado do imperador Maurício, e cuja história é esta.*

> *Nas fronteiras da Trácia, um chefe de ladrões estabelecera o seu covil. Corajoso como um leão, cruel como um tigre, tornara os caminhos impraticáveis. Grande número de soldados e de arqueiros não pudera, apesar de todos os estratagemas, conseguir prendê-lo. O piedoso Imperador, sendo informado, mandou vir um desses jovens oficiais e, destacando as relíquias suspensas ao seu pescoço: "Ide — disse-lhe — levar isto ao chefe de bandoleiros."*

>

> *O mensageiro desempenha a comissão. O ladrão mal recebeu essas relíquias, ferido como por um poder divino, vê-se de repente mudado. De lobo cruel torna-se doce cordeiro e vem lançar-se aos pés do Imperador, a quem faz a confissão de todos os seus crimes. Poucos dias depois, é tomado de violenta febre e transportado ao hospital de São Sansão.*

> *Ali, em seu leito de sofrimentos, voltava-se para os piedosos enfermeiros, acusava-lhes as suas faltas e não cessava de repetir esta oração: "Meu doce Mestre, nada de novo vos peço. Como fizestes resplandecer a vossa misericórdia para com um ladrão que me precedeu, derramai-a também sobre mim, que sou ladrão como ele. Recebei as lágrimas que derramo neste leito, onde logo vou morrer. Fazei que apaguem o decreto de minha condenação e passai a esponja de vossa misericórdia sobre os meus crimes, de que nada poderia dar ideia."*

> *Durante longas horas, esse ladrão penitente não cessava de redizer as mesmas palavras, enxugando as lágrimas com um lenço até o último suspiro. Quando expirou, o excelente médico desse hospital estava em casa, dormindo um profundo sono. Pela hora em que o ladrão morria, viu em sonho uma grande tropa de etíopes que rodeavam o leito do moribundo. Em suas mãos tinham numerosos papéis, onde estavam escritas todas as perversidades do ladrão.*

> *Logo sobrevieram dois personagens vestidos de branco. Numa balança, os etíopes lançaram todas as cédulas do ladrão: um dos pratos desceu até embaixo e o outro subiu. Os dois anjos de luz disseram um ao outro: "Não temos, pois, nada a pôr? — Que poderíamos ter — respondeu um deles —, se não faz ainda dez dias que deixou de cometer assassínios e deixou a sua caverna? Que de bom podemos pedir-lhe?"*

> *Tendo assim falado, pareceram procurar com as mãos no leito do moribundo, para ver se não achariam algo de bom. Em suas buscas apareceu o lenço de que o ladrão se servira para enxugar as lágrimas: ainda estava todo encharcado. "Eis o seu lenço — disse um dos anjos —; ponhamo-lo no prato com a misericórdia de Deus. Será ao menos alguma coisa." Mal foi depositado, o prato baixou e todas as obrigações postas no outro prato desapareceram. Então os anjos exclamaram a uma só voz: "Viva a misericórdia de Deus!" Depois levaram*

> *consigo a alma do bem-aventurado ladrão. E os etíopes, confusos, fugiram.*

> *Entretanto o médico veio de manhã cedo para fazer a sua visita. Acha o ladrão ainda quente, toma o lenço úmido de lágrimas. Informado pelos doentes vizinhos das preces e das lágrimas do defunto, corre ao Imperador, a quem conta tudo o que acaba de passar-se. O relato escutado com enternecimento pelo piedoso monarca, o médico acrescenta: "Senhor, demos graças a Deus. Conhecíamos um ladrão salvo na cruz pela confissão da divindade do Salvador; nos dias de vosso império acabamos de ver outro ladrão salvo pela confissão de suas faltas e pelas lágrimas do arrependimento. Esses fatos são tão consoladores quanto incontestáveis; contudo, a prudência quer que, pensando na hora terrível da morte, a previnamos por uma vida penitente."*[1]

Assim, no ladrão do Calvário, quatro palavras; neste, algumas lágrimas bastam para expiar toda uma vida de iniquidades. Por que seria de outro modo? A misericórdia de Deus não é menos pronta que a tentação. Se um instante basta para cair no pecado mortal e perder a alma mais santa, donde vem que um instante não bastaria para converter o maior pecador?

Fortes com essa consoladora certeza, passemos do Oriente ao Ocidente, dos séculos antigos a idades mais próximas da nossa: veremos que a misericórdia não envelhece e que a sua ação não conhece nem obstáculos nem fronteiras.

Um de nossos mais gloriosos e mais amáveis compatriotas, santo Odão, abade de Cluny, estando um dia em viagem, foi encontrado por ladrões. À vista desse rosto onde respiram a bondade e a serenidade, ao som dessa voz cuja doçura iguala a do mel, um dos ladrões, tocado de compunção, cai a seus pés e o conjura em voz baixa a ter piedade dele.

> *Que quereis, meu filho — diz-lhe o homem de Deus? — Retirar-me ao vosso mosteiro — responde o jovem ladrão. — Conheceis alguém neste país? — Sou conhecido de todos os nobres e de todos os tratantes.*

Vê-se por aí que o infeliz era de boa família.

> *Ide, e amanhã vireis ter comigo acompanhado de um dos primeiros habitantes da região.*

Fez o que lhe foi mandado. No dia seguinte apresenta-se ao mosteiro com um dos mais nobres barões. Dirigindo-se a esse senhor, Odão lhe diz:

> *Conheceis este jovem? Qual é a sua vida? Quais são os seus costumes? — Conheço-o — responde o senhor — por insigne bandoleiro: latronem imprimis insignem. — Meu filho — diz então o santo ao ladrão —, mudai de conduta; depois, vireis e sereis recebido no mosteiro. — Meu Pai — retoma o jovem —, se me mandais embora hoje, amanhã estarei perdido, e Deus vos pedirá contas de minha alma.*

Tocado de compaixão, o santo consentiu em sua entrada no mosteiro. Depois das provas de costume, tornou-se religioso e foi adjunto ao irmão celeireiro, com ordem de obedecer-lhe em tudo. Como não sabia ler, teve de cumprir dupla tarefa: o trabalho material e o estudo. Mostrou-se tão corajoso em desempenhar ambos que, com uma das mãos, ajudava o irmão celeireiro e, com a outra, segurava o saltério. O Senhor, contente com o seu fervor, chamou-o logo a si.

Perto de morrer, mandou pedir ao bem-aventurado Odão que viesse visitá-lo, querendo falar-lhe a sós.

> *Meu filho — disse-lhe o santo —, cometestes algum pecado depois que sois religioso? — Sim, meu Pai — responde o doente —, cometi uma falta. Sem que o soubésseis, dei a minha túnica a um pobre que estava nu e tomei no celeiro uma corda de crina. — Que fizestes dela? — Cinjo com ela os rins, para reprimir a voracidade de que eu era escravo.*

Surpreso e tocado, o homem de Deus quis tirar-lhe esse laço tão duro; mas, ao retirá-lo, arrancou pus e a carne a que aderia.

Sem queixa nem emoção, o bem-aventurado moribundo acrescentou:

> *Esta noite, meu Pai, vi-me transportado em sonho ao céu. Veio ao meu encontro uma mulher, radiante de luz e de grande majestade, e, quando chegou perto de mim, disse-me: Conheceis-me? Respondi que não. Sou, acrescentou, a Mãe da misericórdia; e eu lhe disse: Ó Senhora, que me ordenais fazer? Ela retomou: Dentro de três dias, a tal hora, vireis aqui.*

O dia e a hora anunciados chegaram, com efeito, e o religioso morreu, a fim de que se conhecesse com certeza a verdade de sua visão. É a partir desse momento que o bem-aventurado Odão tomou o costume de chamar a Santíssima Virgem: Mãe da misericórdia, *Mater misericordiæ*.[2]

Eis ainda uma de nossas belas invocações a Maria, cuja milagrosa origem a maior parte ignora.

Notas

[1] *Orat. in ps.* VI, perto do fim.

[2] *Vit. S. Odon*, em Surius, t. VI.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:21 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:21 by Admin